

Escola: _____
Diretora: _____
Professor: _____
Turma: _____ Data ____/____/____

Disciplina: Língua portuguesa

Leia com atenção e resolva todas as questões do caderno de atividade.

Descritores

- D1 – Localizar informações explícitas em um texto.
- D3 – Inferir o sentido de uma palavra ou expressão.
- D4 – Inferir uma informação implícita em um texto.
- D6 – Identificar o tema de um texto.
- D14 – Distinguir um fato da opinião relativa a esse respeito.



Leia o poema abaixo para responder as questões 1 e 2.

Pássaro em vertical

Cantava o pássaro e voava
Cantava para lá
Voava para cá
Voava o pássaro e cantava
De

Repente

Um

Tiro

Seco

Penas fofas

Leves plumas

Mole espuma

E um risco

Surdo

N
O
R
T
E
S
U
L



Fonte: NEVES, Libério. Pedra solidão. Belo Horizonte: Movimento Perspectiva, 1965.

1. Qual é o assunto do texto:

- a) Um pássaro em vôo, que leva um tiro e cai em direção ao chão.
- b) Um pássaro que cantava o dia todo.
- c) Um pássaro que sonhava com a liberdade.

- d) A queda de um pássaro que não sabia voar.
2. De que maneira a forma global do poema se relaciona com o título "Pássaro em vertical"?
- a) A disposição das palavras no texto tem relação com o sentido produzido.
- b) As palavras "norte-sul" não foram escritas verticalmente no poema.
- c) O fato de que o pássaro possui penas e/ou plumas fofas e leves.
- d) O termo vertical pode ser associado ao voo do pássaro.

Leia o texto abaixo para responder as questões 3 e 4:

Como um filho querido

Tendo agradado ao marido nas primeiras semanas de casados, nunca quis ela se separar da receita daquele bolo. Assim, durante 40 anos, a sobremesa louvada compôs sobre a mesa o almoço de domingo, e celebrou toda data em que o júbilo se fizesse necessário.

Por fim, achando ser chegada a hora, convocou ela o marido para o conciliábulo apartado no quarto. E tendo decidido ambos, comovidos, pelo ato solene, foi a esposa mais uma vez à cozinha assar a massa açúcarada, confeitar a superfície.

Pronto o bolo, saíram juntos para levá-lo ao tabelião, a fim de que se lavrasse ato de adoção, tornando-se ele legalmente incorporado à família, com direito ao prestigioso sobrenome Silva, e nome Hermógenes, que havia sido do avô.

Fonte: COLASANTI, Marina. Contos de amor rasgados. Rio de Janeiro: Rocco, 1986. p.57.

CARTÃO RESPOSTA			
GABARITO			-351242
GABARITO		Cadeira:	
Concorrer:			Selo:
		Assinatura do candidato	475869

	A	B	C	D
1	☐	☐	☐	☐
2	☐	☐	☐	☐
3	☐	☐	☐	☐
4	☐	☐	☐	☐
5	☐	☐	☐	☐
6	☐	☐	☐	☐
7	☐	☐	☐	☐
8	☐	☐	☐	☐
9	☐	☐	☐	☐
10	☐	☐	☐	☐
11	☐	☐	☐	☐
12	☐	☐	☐	☐
13	☐	☐	☐	☐
14	☐	☐	☐	☐
15	☐	☐	☐	☐

3. No conto “Como um filho querido” a esposa e o esposo foram ao tabelião com intuito de:
- a) Regularizar a situação de um parente registrando seu nome.
 - b) Registrar o nome do filho querido que há 40 anos fazia parte da família, mas não tinha registro.
 - c) Lavar o ato de adoção do bolo no tabelionato, e assim, incorporá-lo à família como um filho querido com direito ao sobrenome da família Silva.
 - d) Lavar o ato de adoção do filho querido para que o mesmo recebesse o nome do seu avô paterno, Hermógenes.
4. A expressão no 2º parágrafo “**Convocou ela o marido para o conciliábulo apartado no quarto**” significa:
- a) A mulher chamou o marido para uma conversa séria no quarto a fim de convencê-lo de que era preciso dar um nome ao bolo e registrá-lo no tabelionato.
 - b) A mulher convidou o marido para uma breve reunião no quarto do casal na qual decidiriam pelo registro do nome do bolo no tabelionato.
 - c) A esposa determinou ao marido que fosse ao quarto a fim de convencê-lo de dar um nome e registro ao bolo no cartório por meio de uma comemoração íntima.
 - d) A esposa pediu para o marido que a acompanhasse até o quarto onde decidiriam registrar o nome do bolo no cartório de registros por meio de uma assembléia geral.

Leia o texto abaixo:

Por que os japoneses vieram ao Brasil?

E por quê, agora, seus descendentes estão indo para o Japão?

No início do século 20, as lavouras de café brasileiras precisavam de mão-de-obra. A saída do governo brasileiro foi atrair imigrantes. O momento não podia ser melhor para os japoneses – lá, o desemprego bombava por causa da mecanização da lavoura. Outro motivo que facilitou a vinda deles foi um tratado de amizade que Brasil e Japão tinham acabado de assinar.

Aí, a situação se inverteu: o Japão se transformou em uma potência e, lá pela década de 80, ficou difícil bancar a vida no Brasil por causa da inflação e do desemprego. Os netos e bisnetos dos imigrantes japoneses enxergaram, então, uma grande chance de se dar bem e foram em massa para o Japão. Até 2006, a comunidade brasileira no país já havia alcançado 313 pessoas.

Fonte: Revista Capricho nº 1045 maio/2008 p.94.

5. Na frase: “... o desemprego **bombava** por causa da mecanização da lavoura”, a expressão destacada pode ser substituída por:
- a) Aumentava.
 - b) Apontava.
 - c) Atraía.
 - d) Bancava.

Leia o trecho da reportagem abaixo:

Jornal do Rio está fazendo 50 anos

Ousado e investigativo o “Correio do Povo” sempre mostrou numa linguagem muito clara, tanto com os assuntos da cidade, do país e do mundo, como também dos municípios do bairro de cada cidadão e leitor.

6. No trecho “**Ousado e investigativo** o Correio do Povo sempre mostrou numa linguagem muito clara...” as palavras destacadas qualificam:

- a) A cidade do Rio de Janeiro.
- b) O leitor.
- c) O jornal.
- d) Os jornalistas.

Leia o texto abaixo:

Debussy

Para cá, para lá...
Para cá, para lá...
Um novelozinho de linha...
Para cá, para lá...
Para cá, para lá...
Oscila no ar pela mão de uma criança
(Vem e vai...)
Que delicadamente e quase a adormecer o balanço
Psio...-
Para cá, para lá...
Para cá e ...
- O novelozinho caiu.

Manuel Bandeira

7. O autor repete várias vezes “**Para cá, para lá...**”. Esse recurso foi utilizado para:

- a) Acompanhar o movimento do novelo e criar o ritmo do balanço.
- b) Reproduzir exatamente os sons repetitivos do novelo.
- c) Provocar a sensação de agitação da criança.
- d) Sugerir que a rima é o único recurso utilizado na poesia.

Leia o texto abaixo:

O leão, o burro e o rato

Um leão, um burro e um rato voltavam, afinal, da caçada que haviam empreendido juntos e colocaram numa clareira tudo que tinham caçado: dois veados, algumas perdizes, três tatus, uma paca e muita caça menor. O leão sentou-se num tronco e, com voz tonitruante que procurava inutilmente suavizar, berrou:

- Bem, agora que terminamos um magnífico dia de trabalho, descansemos aqui, camaradas, para a justa partilha do nosso esforço conjunto. Compadre burro, por favor, você, que é o mais sábio de nós três, com licença do compadre rato, você, compadre burro, vai fazer a partilha desta caça em três partes absolutamente iguais. Vamos, compadre rato, até o rio, beber um pouco de água, deixando nosso grande amigo burro em paz para deliberar.

Os dois se afastaram, foram até o rio, beberam água e ficaram um tempo. Voltaram e verificaram que o burro tinha feito um trabalho extremamente meticuloso, dividindo a caça em três partes absolutamente iguais. Assim que viu os dois voltando, o burro perguntou ao leão:

- Pronto, compadre leão, aí está: que acha da partilha?

O leão não disse uma palavra. Deu uma violenta patada na nuca do burro, prostando no chão, morto.

Sorrindo, o leão voltou-se para o rato e disse:

- Compadre rato, lamento muito, mas tenho a impressão de que concorda em que não podíamos suportar a presença de tamanha inaptidão e burrice. Desculpe eu ter perdido

a paciência, mas não havia outra coisa a fazer. Há muito que eu não suportava mais o compadre burro. Me faça um favor agora - divida você o bolo da caça, incluindo, por favor, o corpo do compadre burro. Vou até o rio, novamente, deixando-lhe calma para uma deliberação sensata.

Mal o leão se afastou, o rato não teve a menor dúvida. Dividiu o monte de caça em dois: de um lado, toda a caça, inclusive o corpo do burro. Do outro apenas um ratinho cinza morto por acaso. O leão ainda não tinha chegado ao rio, quando o rato chamou: - Compadre leão, está pronta a partilha!

O leão, vendo a caça dividida de maneira tão justa, não pôde deixar de cumprimentar o rato:

- Maravilhoso, meu caro compadre, maravilhoso! Como você chegou tão depressa a uma partilha tão certa? E o rato respondeu:

- Muito simples. Estabeleci uma relação matemática entre seu tamanho e o meu - é claro que você precisa comer muito mais. Tracei uma comparação entre a sua força e a minha - é claro que você precisa de muito maior volume de alimentação do que eu. Comparei, ponderadamente, sua posição na floresta com a minha - e, evidentemente, a partilha só podia ser esta. Além do que, sou um intelectual, sou todo espírito!

- Inacreditável, inacreditável! Que compreensão! Que argúcia! - exclamou o leão, realmente admirado. - Olha, juro que nunca tinha notado, em você, essa cultura. Como você escondeu isso o tempo todo, e quem lhe ensinou tanta sabedoria?

- Na verdade, leão, eu nunca soube nada. Se me perdoa um elogio fúnebre, se não se ofende, acabei de aprender tudo agora mesmo, com o burro morto.

Millôr Fernandes

8. A narrativa procura passar a idéia de que:

- a) A justiça é cega.
- b) Os fortes não são sábios.
- c) A sabedoria é própria das criaturas menores.
- d) Só um burro tenta ficar com a parte do leão.

Leia a poesia de Drummond e responda a questão:

Elegia

Ganhei (perdi) meu dia.
E baixa a coisa fria
Também chamada noite, e o frio ao frio em
bruma se entrelaça, num suspiro.
E me pergunto e me respiro na
fuga deste dia que era mil
para mim que esperava
os grandes sóis violentos, me sentia
tão rico deste dia
e lá se foi secreto, ao serro frio (...)

Carlos Drummond de Andrade

9. Dos versos, podemos entender que:

- a) O poeta sente medo e tristeza dentro da noite negra e fria. Ele ama o dia e sua luz.

- b) O poeta exprime um suave sentimento de tranquilidade, ao cair de uma noite de inverno: ele merecera e ganhara mais um dia, aproveitando o descanso da noite para meditar.
- c) O poeta sente-se triste ao fim de mais um dia de um longo inverno, e lembra-se com saudade dos dias quentes e alegres do verão.
- d) O poeta, sentindo próximo o fim da vida, faz um retrospecto melancólico, confrontando o muito que espera e o nada que tem nas mãos.

Leia o texto a seguir e responda as questões 11, 12 e 13:

Sou contra a redução da maioridade penal

A brutalidade cometida contra os dois jovens em São Paulo reacendeu a fogueira da redução da idade penal. A violência seria resultado das penas que temos previstas em lei ou do sistema de aplicação das leis? É necessário também pensar nos porquês da violência já que não há um único crime.

De qualquer forma, um sistema sócio-econômico historicamente desigual e violento só pode gerar mais violência. Então, medidas mais repressivas nos dão a falsa sensação de que algo está sendo feito, mas o problema só piora. Por isso, temos que fazer as opções mais eficientes e mais condizentes com os valores que defendemos. Defendo uma sociedade que cometa menos crimes e não que puna mais. Em nenhum lugar do mundo houve experiência positiva de adolescentes e adultos juntos no mesmo sistema penal. Fazer isso não diminuirá a violência e formará mais quadros para o crime. Além disso, nosso sistema penal como está não melhora as pessoas, ao contrário, aumenta sua violência.

O Brasil tem 400 mil trabalhadores na segurança pública e 1,5 milhão na segurança privada para uma população que supera 171 milhões de pessoas. O problema não está só na lei, mas na capacidade para aplicá-la. Sou contra a redução da idade penal porque tenho certeza que ficaremos mais inseguros e mais violentos. Sou contra porque sei que a possibilidade de sobrevivência e transformação destes adolescentes está na correta aplicação do ECA. Lá estão previstas seis medidas diferentes para a responsabilização de adolescentes que violaram a lei. Agora não podemos esperar que adolescentes sejam

idades

capturados pelo crime para, então, querer fazer mau uso da lei. Para fazer o bom uso do ECA é necessário dinheiro, competência e vontade.

Sou contra toda e qualquer forma de impunidade. Quem fere a lei deve ser responsabilizado. Mas reduzir a idade penal, além de ineficiente para atacar o problema, desqualifica a discussão. Isso é muito comum quando acontecem crimes que chocam a opinião pública, o que não respeita a dor das vítimas e não reflete o tema seriamente.

Problemas complexos não serão superados por abordagens simplórias e imediatistas. Precisamos de inteligência, orçamento e, sobretudo, um projeto ético e político de sociedade que valorize a vida em todas as suas formas. Nossos jovens não precisam ir para a cadeia. Precisam sair do caminho que os leva lá. A decisão agora é nossa: se queremos construir um país com mais prisões ou com mais parques e escolas.

Fonte: ROSENO, Renato. Coordenador do CEDECA - Ceará e da ANCED - Associação Nacional dos Centros de Defesa da Criança e do Adolescente.

10. Identifique o tema central trabalhado no texto:
- a) Desigualdade Social.
 - b) Maioridade Penal.
 - c) Preconceito.
 - d) Violência.
11. Com base na leitura do texto, assinale a alternativa que expressa a opinião do autor e não um fato narrado:
- a) O Brasil tem 400 mil trabalhadores na segurança pública e 1,5 milhão na segurança privada para uma população que supera 171 milhões de pessoas.
 - b) No [ECA] estão previstas seis medidas diferentes para a responsabilização de adolescentes que violaram a lei.
 - c) Precisamos de inteligência, orçamento e, sobretudo, um projeto ético e político de sociedade que valorize a vida em todas as suas formas.
 - d) A brutalidade cometida contra dois jovens em São Paulo reacendeu a fogueira da redução da idade penal.
12. A que gênero pertence o texto lido:
- a) Uma entrevista.
 - b) Um artigo de opinião.
 - c) Um texto de divulgação científica.
 - d) Um depoimento pessoal.

Leia a tirinha abaixo:



Fonte: Revista Parque da Mônica, Maio 2001, n. 101.

13. A expressão “**deletei**”, usada no terceiro quadrinho, é própria da linguagem tecnológica. Nesse contexto, qual o significado dela?
- a) Destruir.
 - b) Esquecer.
 - c) Convencer.
 - d) Apagar.

Leia a reportagem abaixo:

Quais alimentos foram trazidos ao Brasil pelos japoneses?

Pensou em um festival de sushis e sashimis? Pense maior. No total, os japoneses trouxeram mais de 50 tipos de alimentos ao Brasil. Os primeiros provavelmente foram as variedades de caqui doce e a tangerina poncã, que chegaram nos anos 20. Mas foi a partir da década de 1930 que a maioria dos novos gêneros aportou por aqui.

O cenário era favorável aos agricultores japoneses: comprando ou arrendando lotes de terras das fazendas cafeeiras falidas após a crise da Bolsa de Nova York, os pequenos proprietários dedicaram-se a uma variedade de culturas que não eram populares no Brasil. Muitos imigrantes traziam mudas junto com suas bagagens nos navios.

Foi o caso do morango e até mesmo de um tipo de fruta insuspeita: a uva-íthalia, que apesar de ser italiana, como o nome entrega, pintou no Brasil por mãos japonesas, na década de 1940. A coisa era mais fácil quando vinha por meios oficiais, via acordos de cooperação entre os dois países. De tempos em tempos, o governo nipônico liberava sementes para cultivo no Brasil, como as da maçã Fuji, em 1971. Junto com as comidas "inéditas", os japoneses trouxeram técnicas para ampliar a escala de produção de gêneros alimentícios já presentes no país, mas ainda restritos ao esquema de fundo de quintal, como o alface, o tomate, o chá preto, a batata e o emblemático exemplo da produção de frangos e ovos.

A avicultura brasileira apenas ensaiava um vôo de galinha até a década de 1930. A atividade só decolou de vez com a importação de aves-matrizes do Japão e com a experiência dos imigrantes japoneses nas granjas.

Fonte: Revista Superinteressante. pág.59. Edição 246 – Dezembro. 2007

14. A idéia central do texto é:

- a) A identificação dos alimentos japoneses trazidos por eles para o Brasil.
- b) O uso e a mistura de alimentos japoneses na culinária brasileira.
- c) A contribuição da cultura alimentícia dos japoneses nos pratos típicos brasileiros.
- d) O aprimoramento das técnicas japonesas de produção de gêneros alimentícios pelos brasileiros.

Leia o texto abaixo:

Cerca de 315 milhões de africanos vivem com menos de um dólar por dia – 84 milhões deles estão desnutridos. Um terço da população não sabe o que é água encanada e mais da metade não tem acesso a hospitais. Sem garantias básicas, o continente vira ninho de conflitos de terra, ditaduras e terroristas que podem agir na Europa ou nos EUA. (...) Com tantos problemas, nada melhor que receber ajuda do resto do mundo, certo? Pois é no meio dessa empolgação para fazer a pobreza virar história que o economista queniano James Shikwati grita para o mundo: "Pelo amor de Deus, parem de ajudar a África".

Fonte: Revista Superinteressante, edição 240- junho;2007,p. 87.

15. A parte do texto que mostra opinião é:

- a) 315 milhões de africanos vivem com menos de um dólar.
- b) Um terço da população não sabe o que é água encanada.
- c) 84 milhões deles estão desnutridos.
- d) Pelo amor de Deus, parem de ajudar a África.